

O que nos dizem os analistas no passe?

Florencia Flor Farias
Tradução de Wilson Alves-Bezerra¹

Resumo

O artigo discute o dispositivo do passe e sua transmissão na Escola. O término de uma análise tem a ver com uma decisão. Mas quem decide? Não é o analista, nem o analisando, é uma decisão acéfala, não depende da vontade. É um momento de concluir, típico de um processo analítico, que “toma” tanto o analisando quanto o analista. Leva-nos a pensar sobre a complexa questão da autorização: na demanda do passe à Escola, o analisante já não se autoriza de seu analista, mas toma para si a tarefa de dar conta do Outro, já não sustenta o par analisante-analista, mas o par analista-Escola. O passe é um convite ao analisante para oferecer sua experiência de transmissão. Já não aparece a cooptação dos superiores, mas dos iguais, os passantes, que são também psicanalistas e fazem parte do processo. O passe é a possibilidade de transmitir o que descobriu em sua análise a outros e comprometer-se com uma nova experiência no coletivo, a Escola.

Palavras-chave:

Autorização; Testemunhos; Escola; Passe; Desejo.

What do the analysts tell us in the pass?

Abstract

The article discusses the device of the pass and its transmission in the School. The termination of an analysis has to do with a decision. But who decides? It is not the analyst, nor the analysand, it is an acephalous decision, it does not depend on the will. It is a moment to conclude, typical of an analytical process that “takes” both the analysand and the analyst. It leads us to think about the complex issue of authorization: In the demand of the pass to the School, the analysand no longer authorizes themselves by the analyst, but rather takes on the task of account-

¹ A revisão da tradução foi feita por Vera Pollo.

ing for the Other, no longer supports the analysand-analyst pair, but instead the analyst-School pair. The pass is an invitation to the analyst to offer their transmission experience. It no longer appears the coaptation of superiors, but of equals, passers, who are also psychoanalysands and are part of the process. The pass is the ability to convey what you discovered in your analysis to others and commit to a new experience in the collective, the School.

Keywords:

Authorization; Testimonies; School; Pass; Desire.

¿Qué nos dicen los analistas en el pase?

Resumen

El artículo discute el dispositivo del pase y su transmisión en la Escuela. El dar por terminado un análisis tiene que ver con una decisión. Pero ¿quién decide? No es el analista, tampoco el analizante, es una decisión acéfala, no depende de la voluntad. Es un momento conclusivo, propio de un proceso analítico que “toma” tanto al analizante como al analista. Nos lleva a pensar el complejo tema de la autorización. En la demanda del pase a la escuela el analizante ya no se autoriza de su analista, sino que toma a su cargo la tarea de dar cuenta a Otro, que ya no es el analista, ya no anuda la pareja analizante-analista, sino analista-Escuela. El pase es una invitación al analizante para que ofrezca su experiencia de transmisión. Ya no aparece la coaptación de los superiores, sino de los iguales, los pasadores, que son también psicoanalizantes y que forman parte del proceso. El pase es la posibilidad de transmitir lo que descubrió en su análisis a otros y comprometerse con una nueva experiencia en el colectivo, la Escuela.

Palabras claves:

Autorización; Testimonios; Escuela; Pase; Deseo.

Qu'est ce que nous disent les analystes dans la passe ?

Résumé

Cet article a pour but de mettre en lumière le dispositif de la passe et sa transmission à l'École. Le terme d'une analyse relève d'une décision. Mais qui décide ? Ce n'est ni l'analyste, ni l'analysant non plus, mais une décision acéphale (cela n'a rien à voir avec la volonté). Il s'agit d'un moment de conclure, caractéristique d'un processus analytique qui comprend à la fois l'analysant et l'analyste. Cela nous

fait penser à la question complexe de l'autorisation : dans la demande de la passe à l'École, l'analysant ne s'autorise plus de son analyste, mais prend la charge de rendre compte de l'Autre, il ne supporte plus le couple analysant-analyste, mais le couple analyste-École. La passe l'invite à témoigner de son expérience de transmission. On n'y trouve plus la cooptation des supérieurs, mais celle des égaux, les passants, qui sont tout aussi des psychanalystes et font partie du processus. La passe est la possibilité de transmettre à d'autres ce qu'on a découvert dans sa propre analyse, et de s'engager dans une nouvelle expérience dans le collectif, soit dans l'École.

Mots-clés :

Autorisation ; Témoignage ; École ; Passe ; Désir.

É nisso que ele [o analista] deve ter circunscrito a causa de seu horror, o dele próprio, destacado do de todos — o horror de saber. A partir daí, ele sabe ser um rebotalho. Isso é o que o analista deve ao menos tê-lo feito sentir. Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance. (Lacan, 1973/2003, p. 313)

Quem decide o fim de uma análise? Analisante? Analista? Qual é o momento? Enquanto na análise didática, como a International Psychoanalytical Association (IPA) a propõe, isso não é um problema, visto que, após certo número de anos, certa quantidade de horas estipuladas, o trajeto se completa; não é, porém, o que ocorre em uma análise lacaniana. Os analistas didatas fazem parte de um grupo de elite sobre o qual recai uma grande responsabilidade institucional. São eles os encarregados da formação, sob o risco de transformá-la em “doutrinação”. Eles têm papel duplo: o de terapeuta e o de juiz. É o analista quem julga se a análise chegou ao fim, e, muitas vezes, é necessário que a dupla tenha de “negociar” os termos de sua separação.

O risco é transformar o analista em um candidato que segue fielmente o mestre. O que resulta na tese da identificação com o analista como fim de análise, o que implica, por sua vez, uma identificação com a técnica e, em especial, com o enquadramento.

Lacan propõe uma concepção diferente do fim de análise.² Sua tese é: há um fim de análise; lá onde Freud encontra um “rochedo”, Lacan abre uma possibilidade.

2 No original, *final de la cura*. No Campo Lacaniano, preferimos a tradução *fim de análise*, pois o termo “cura”, em português, tem sentido médico. [N.E.]

Dar por finalizada uma análise tem a ver com uma decisão. Mas quem decide? Não é o analista, também não é o analisante, é uma decisão acéfala, sem autor e que não depende da vontade. É um momento de concluir, próprio de um processo analítico, que “toma” tanto o analisante quanto o analista. Analista que, indubitavelmente, tem a responsabilidade de escutar tal decisão. Quando é o momento? É frequente que seja o analisante ou o próprio analista aqueles que põem em jogo as suas resistências e prolongam a partida, sendo levados a sustentar o “ainda não”, “ainda não é o momento” ou, ao contrário, a apressem.

Porém, tal como no xadrez, em que há o xeque-mate, na análise há uma espécie de “O rei está morto”. Um Outro que cai, analista na representação do Outro, morte do Pai, queda desse objeto abjeto que não participa mais do jogo. Tempo lógico, tempo em que cessam as dúvidas e advém uma espécie de certeza, o ato analítico suportando o incalculável.

É comum alguns testemunhos dizerem que lhes vinha o “Não tenho mais nada a dizer”, “chega”, trechos finais nos quais já não se espera saber do analista, testemunho às vezes silencioso de tais encontros, nos quais se prenuncia sua queda.

Com o dispositivo do passe, o analisante toma a palavra, anula o poder do didata, denuncia a hierarquia analítica, há uma valorização de sua experiência. O passe se distingue desde o começo dos procedimentos de habilitação tradicionais, já que se situa no campo da autoautorização.

Já não é o didata quem decide quando o candidato está em condições de ser analista. É o próprio quem se autoriza e deseja se submeter à prova na Escola.

Isso nos leva a pensar no complexo tema da autorização. Encontramo-nos diante de dois princípios: “O analista só se autoriza por si mesmo”³ (Lacan, 1973/2001, p. 307) e aquele que diz que o analisante faz o passe para ser autorizado como analista da Escola. Mesmo que os termos pareçam contraditórios, são solidários. O primeiro princípio (autorizar) não excluiu que a Escola (Proposição) possa garantir que um analista procede de sua formação (Lacan, 1967/1991). Apela-se à garantia de uma autenticação por outros que compartilham a mesma experiência.

O desejo do analista dificilmente pode ser sustentado sem essa passagem por outros na Escola. Lacan depois esclarece que “o autorizar-se por si mesmo” consiste em uma decisão que jamais se toma isoladamente; equivale, sim, a um “autorizar-se por si mesmo e por alguns outros”. O analista pode querer tal garantia da Escola para responsabilizar-se por tentar dar testemunho dos problemas cruciais da doutrina. O que a Escola garante não é o ser do analista, e sim, provavelmente, o lugar no qual o analista poderá recuperar seu ato.

Na “Nota italiana” (Lacan, 1973/2001, pp. 307-311), há formulações fortes, nas quais Lacan recorda sua aposta: “O analista só se autoriza por si mesmo”. Entre-

3 Tradução nossa feita do texto de Lacan em francês: “L’analyste ne s’autorise que de lui-même”. [N.E.]

tanto, é um texto tardio, no qual se remarca que isso não quer dizer que qualquer um se autoriza como analista. A análise é, assim, necessária, mas não suficiente para garantir que ex-sista analista.

Não há analista a não ser que lhe surja o desejo de ocupar o lugar de rebotalho da douta ignorância da humanidade, e eis aí a condição do que por algum lado deve levar a marca.

Com a introdução do passe, instala-se o fim no coração da experiência analítica, e o próprio analista propõe-se como verificação.

Por meio de sua invenção, o passe faz com que possamos nos aproximar das perguntas que movem toda a lógica analítica: o que produz uma análise e o que é um analista? — dois momentos que são cronológica e logicamente diferentes no tempo. É diferente o momento em que o sujeito finaliza sua análise daquele em que ele decide tomar para si a tarefa de dar conta dela para outros, que já não é seu analista. Por outro lado, na demanda do passe à Escola, o analisante já não se autoriza de seu analista, e sim toma para si a tarefa de dar conta do Outro; que já que não é o analisante, já não enoda o par analisante-analista, e sim o par analista-Escola.

O que se verifica no passe? O que avalia o júri? Uma pergunta que não tem apenas uma resposta e que traz diversidade nos diferentes membros do cartel.

Embora, na prática, os passantes testemunhem sobre a trajetória de sua análise e do saldo obtido ao seu fim, de que os cartéis avaliem se um sujeito chegou ao final, Lacan deixou essa possibilidade em aberto àqueles que não terminaram sua análise.

Em “O aturdido” (1973/2003), Lacan propõe a distinção entre o giro do gozo discursivo e o fim de análise, distinção essa que não fica tão clara em outros textos, como na “Proposição”, em que nos diz que a psicanálise se constitui “como uma experiência original” se chegar até o ponto em que “nela figura a finitude” (Lacan, 1967/2003, p. 251), que não é necessariamente o fim da análise. Ambas podem não coincidir, e sim o momento em que o analisante pode encontrar um ponto de detenção, de basta, em que se detém a cadeia de significantes a serem decifrados, por isso necessitamos da presença do objeto *a* para obter tal ponto de finitude (Soler, 1988, inédito).

Apesar de não haver critérios para realizar as nomeações, alguns cartéis esperam que, ao final da análise, tenha podido surgir um desejo novo. O sujeito experimenta como que um ganho de desejo. Desejo que não se sustenta mais no Outro. O passe ao desejo do analista é o passe de Lacan. Saber como um analisante se faz analista. Pedir o passe é colocar em questão com fins de exame sua própria destituição subjetiva. Será categórico: a única coisa que produz um analista é sua análise, ao fim ele está em condições de exercer a função.

É a tentativa de verificar a passagem de analisante a analista para tentar responder à pergunta: “o que é um analista?”.

Então, se o passe nos permite dizer que há analista é, sem dúvida, porque, embora sabendo que há, ainda não podemos dizer o que ele é: esse é o primeiro saber

que o passe nos ensina. Enquanto há nomeação, esse saber não é universalizável no sentido de determinar um ser. Ninguém diz o que é um analista. A nomeação não responde à pergunta pelo ser do analista, não diz o que ele é, diz apenas se há ou não analista. A aposta continua aberta, de um a um.

A pessoa que pede o passe não o faz como analista, e sim como psicanalisante. O passe não garante nenhuma prática, nenhum fazer do analista.

A Escola não é garantidora absoluta, não há outro modo de se tornar analista, isto é, não há uma solução-padrão da produção do desejo do analista. A questão já não é perguntar quem tem direito a produzir analistas; trata-se, sim, de colocar para trabalhar na Escola a pergunta: o que é um analista? Considerando-se que sempre restará um ponto de não saber, um ponto de incógnita.

O ensino dos analistas de Escola (AE)

Então, o que ensinam os testemunhos dos analistas de Escola (AE)? Como um testemunho do passe torna-se ensino? Como passar da singularidade da experiência a um ensino possível “para todos”, ou talvez para alguns?

O passe é um convite ao analisante para oferecer sua experiência de transmissão. Já não aparece a cooptação dos superiores, e sim dos iguais, os passantes, que são também psicanalistas e fazem parte do processo.

É a possibilidade de transmitir aos outros o que descobriu em sua análise e comprometer-se com uma nova experiência no coletivo, a Escola.

Os testemunhos dos AE são apenas uma parte da transmissão na Escola, há também os cartéis, seu ensino e os efeitos da nomeação na comunidade.

Sem o passe, nada garante que o fim da análise seja só mais uma crença. Pode-se demonstrar que a experiência analítica não é da ordem do inefável, e que a passagem de analisante a analista não envolve uma experiência mística.

Conduzir a análise até seu final implica tornar-se analista de sua própria experiência. É tomar uma distância diferente diante de sua própria análise; o que permite ver a sua própria neurose numa relação com a psicanálise, a teoria e seus problemas. Aquilo que essa análise lhe ensinou já não guarda para si, mas o transmite a outros graças ao passe.

Nos testemunhos, situa-se o núcleo da verdade particular, do qual surge a elaboração de saber que se torna transmissível, possibilitando essa inédita articulação entre o mais singular do sujeito e o generalizável de um saber exposto.

O testemunho é particular, mas vale para todos. Mas, para cada um, vale singularmente no percurso da pulsão. Os testemunhos indicam uma diversidade com a qual justamente pode-se fazer série. Os testemunhos mostram a possibilidade de fazer série com a diferença — esse é um ponto indicado com muita clareza na proposta de Lacan sobre o passe.

A própria nomeação de um AE, ao expor sua particularidade clínica, faz furo no conjunto de um saber completo.

Nesse dispositivo, não é apenas o testemunho do AE o que se transmite. Estão implicados não apenas o passante, mas também os passadores, os cartéis, o êxtimo — quando houver — e toda a comunidade analítica.

A relação com o saber

É possível fazer um ensino da transmissão da experiência do passe. O saldo do passe deve ser sua contribuição para o saber.

Mas alojar o saber em algum lugar da verdade é uma condição necessária, mas não suficiente, pois pode ser que esse saber deixe o analista como um simples sujeito de um semblante de mera eloquência e dissertação.

Em muitos dos testemunhos dedica-se uma grande parte à relação com o saber, sublinha-se como se torna decisiva para a produção de um analista a mudança de posição do sujeito em relação ao saber. O que caracteriza esse ganho de saber fazer com aquilo que se foi como objeto no desejo do Outro são as condições de gozo que o significante recobre e um saber fazer com isso.

Esse empuxo-ao-saber que o dispositivo do passe propõe leva a uma elaboração mais conclusiva sobre esse ganho de saber. Alguns testemunhos caem em certos clichês teóricos, reiterando doutrinas, e não se diferenciam de exposições teóricas, mas outros, além de estar acompanhados de uma parte de doutrina, podem ser vislumbrados como um núcleo de verdade singular no qual surge um saber transmissível.

Aponta, antes de tudo, para o armazenamento de restos da própria análise, para que o indizível permita que algo seja dito.

A relação com o Outro

A demonstração de saber no passe implica, então, que se trata de demonstrar até que ponto uma elaboração de saber chegou a colocar em evidência a inconsistência do Outro, permitindo trazer à luz o que o sujeito havia inventado como truque, como artifício, quer seja em relação à ordem da fantasia, do sintoma, quer seja para suprir a falha radical da estrutura, para fazer existir o Outro e, portanto, a relação sexual.

Em todos os testemunhos, são inegáveis os ganhos terapêuticos. Há, sobretudo, mudanças no nível do amor, do sofrimento, do afastar-se da angústia, do resistir à falta, de ter maior liberdade quanto à escolha do parceiro.

Elaboração da falta, como falta de saber sobre o sexo. Adquire-se um saber do impossível e também saber da singularidade, saber sobre sua maneira de lidar com sua falta e de compensá-la.

Lacan advertiu que a lógica do fim da análise implica dar um novo destino às marcas do sujeito.

Há uma nova disposição da libido, que se investe no trabalho, no amor e em um novo realce das sublimações do sujeito.

No fim, muda o estatuto do Outro: ele se desvanece, e o sujeito desprendido do Outro modera por um tempo sua disputa, sua reivindicação.

Travessia da fantasia e identificação com o sintoma

De acordo com a época de seu ensino, Lacan poderá enfatizar que, no final, a fantasia reduz-se à pulsão, ou ainda que, no final, o sujeito se identifica com seu sintoma, com aquilo do sintoma que se mostra mais real, impossível de transformar. O sujeito se encontrará seguramente aliviado de seus sintomas, já que se produzem efeitos terapêuticos, os sintomas se reduzem, transformam-se, há alívio do sofrimento, o sujeito deixa de dar consistência ao Outro, isto é, enfrenta a castração, e consegue mudar sua posição em relação a ela.

Também podemos pensar sobre o que aconteceu com a fantasia, isto é, com a condição de gozo. A travessia da fantasia ocorre quando o sujeito já não acredita em sua ficção, e isso produz efeitos tanto na relação com o Outro como no ser.

Todos testemunham a seu modo que a psicanálise lhes adverte da falta-a-ser, mas nem sempre do modo como esperavam.

Para alguns, é pela travessia da fantasia: há um efeito de liberdade, isto é, da possibilidade, que dá acesso à contingência, flexibilização das condições de amor que regem as escolhas de objeto. Após a queda das identificações fundamentais do Édipo, pode-se avançar um pouco mais em relação ao real que a fantasia encobria, isto é, o gozo pulsional que dela cai.

Outros dão testemunho da identificação com o sintoma: eles próprios transformaram-se no sintoma, são seu sintoma, e o fim da análise é a revelação do gozo desse sintoma, o que põe fim à falta-a-ser. “Saber fazer com o sintoma” significa que há um consentimento com seu modo de gozar através do sintoma. O sujeito sabe qual é esse resto de gozo que o divide e nele se reconhece. Esse gozo, que ele acreditava estar no Outro, torna-se, para ele, como o mais próprio do sujeito, alcançando seu efeito de ser. O incurável é aquele cujo sintoma compensa “bastante” a ausência da relação sexual. É um sintoma endurecido, aceitável, e, para o neurótico, isso é uma mudança.

A tese de Lacan é de que se trata de recuperar algo do ser, como forma de conquistar um “eu sou” que não passe mais pelo Outro, isto é, que, tendo feito um trabalho com o inconsciente, enfrente o “Tu és isso” que metaforiza o que sou. É um ser que inclua a castração: o sujeito de algum modo se aceita.

Quando o sujeito assume sua própria determinação, poderá surgir uma margem de liberdade; certa liberação dessa causa que o sujeito foi para o desejo do Outro.

O sujeito se torna capaz de escolher, menos inibido, menos impedido, em suma, mais decidido e combativo.

Destituição subjetiva — desejo do analista

Lacan utiliza a expressão “destituição subjetiva” para descrever o final no qual cada sujeito se vê sendo abolido, realizando-se como desejo. O sujeito destituído já não espera do Outro. Para além dos ganhos terapêuticos, é importante o que sujeito

faz com o saber adquirido. O que faz o sujeito com suas marcas, o momento em que o sujeito se apercebe de que se dissolve a consistência do Outro, ainda não diz nada sobre qual será o novo laço que o sujeito sustentará com o Outro inconsistente.

O analista deve ir além, dispor-se a cruzar a porta do saber para dar guarida a um desejo novo, inédito. O desejo do analista é, por definição, um desejo onde o Outro falta.

O fim de análise aparece como a possibilidade de transformar o tempo de concluir em uma obra. Há uma satisfação em jogo, mas não mortífera. Cada sujeito tem de encontrar o que é para ele essa obra que lhe permitirá metaforizar o que é. Chegar ao que Lacan propõe como final de análise, ao: “Tu és isso”, que é outro modo de dizer: “Saber fazer com seu sintoma” e que aponta para o que resta de incurável, ligado ao gozo. Portanto, não podemos sustentar um sujeito sem sintoma, mas sim um sujeito que fez as pazes com seu sintoma.

Tema que nos leva a pensar em qual seria a diferença entre fim da análise por via da obra, por via da sublimação. Sabemos que o fim da análise não é a repressão, e seu contrário é a sublimação. Entretanto, o analisante também não se transforma em artista, mas em analista.

Obra é um efeito da análise, diferente do artista, para quem sua obra é também efeito do inconsciente. Arte se constrói com “o estofado da fantasia”.

A função do desejo do analista é se fazer causa de desejo. O desejo do analista, na medida em que é um desejo da “diferença absoluta”, é um desejo de revelação do que é o sujeito. Mas o final não nos deixa na impotência, abatido com o sem-sentido da vida. O ter-se desprendido do Outro não implica que o encontro com o Outro não seja mais possível; ao contrário, não é um fim solitário, autista, deleitando-se em seu desejo.

Lacan enuncia diferentes formas de viver a pulsão; uma delas se refere ao saldo cínico, não poder ligar o resto pulsional à causa do desejo, a um novo laço ao Outro, ao Outro que não existe. Existe um perigo de que se fabrique um “não tolo”, de que se acredita estar voltado para outras causas, desiludido; tratando-as sem respeito, embandeirando-se da posição de analista com maiúscula, de verdadeiro analista, “disfarçando-se de psicanalista”, chegando-se a fazer uma farsa para que os outros nela acreditem.

Em vários textos, Lacan sublinha que um fim de análise autêntico deixa muitas possibilidades ao sujeito. A vida começa a ter outro significado; o sujeito irá querer vivê-la porque encontra um mais-de-gozar em viver; as misérias cotidianas adquirem outro valor; ao assumir a castração, a morte faz mudar o ponto de vista do que vale a pena.

Final que é também um começo. Há um saldo em relação ao humor, uma relação que permite superar as desgraças que afetam o sujeito. Ter uma atitude diferente ante a história de sua neurose. Que nossa história, diz Lacan, termine sendo uma história com menos sofrimento, reescrevê-la como uma boa história, e uma

boa história tem sempre um toque de humor. Se Freud nos diz que todo ser humano tem o dever de “suportar a vida”, seria preciso acrescentar... com humor. É a liberação de sentido, desse lastro que aprisiona o sujeito ao mito tragicômico de sua neurose, o que permitirá o encontro com o sem-sentido dos significantes que estruturaram sua vida; esse esvaziamento do sentido termina produzindo um efeito de humor que não deve ser confundido com a comicidade.

Aprende-se algo sobre si mesmo na análise, sobre o que se é, mas isso deixa lugar ao que não se sabe, e mesmo uma análise levada a seu final deixa um resto não sabido.

O desejo não é um desejo triste, é um desejo que comove e que pode levar ao entusiasmo.

Referências bibliográficas

- Colección Orientación Lacaniana. *Enseñanzas del pase*. Buenos Aires: EOL.
- Fariás, F. (2004). *El síntoma al final del análisis*. Apresentado em Memorias de la XII Jornadas de Investigación na Facultad de Psicología da Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina.
- Freud, S. (1913/1993). Sobre la iniciación del tratamiento. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. XII). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1937/1993). Análisis terminable e interminable. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. XXIII). Buenos Aires: Amorrortu.
- Lacan, J. (1967/1991). Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela. In J. Lacan. *Momentos cruciales de la experiencia analítica* (pp. 7-23). Buenos Aires: Manantial.
- Lacan, J. (1967/2012). Discurso en la Escuela Freudiana de París. In J. Lacan. *Otros escritos* (pp. 279-299). Buenos Aires: Paidós.
- Lacan, J. (1973/2001). Note italienne. In J. Lacan. *Autres écrits* (pp. 307-311). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1973/2012). Introducción a la edición alemana de un primer volumen de los *Escritos*. In J. Lacan. *Otros escritos* (pp. 579-585). Buenos Aires: Paidós.
- Lacan, J. (1974/2012). Nota italiana. In J. Lacan. *Otros escritos* (pp. 327-332). Buenos Aires: Paidós.
- Lacan, J. (1975/2006). *El seminario 23: el sinthome*. Buenos Aires: Paidós.
- Lacan, J. (1977). *Psicoanálisis, radiofonía y televisión*. Barcelona: Anagrama.
- Lacan, J. et al. (1975/1984). El atolondrado, el atolondradicho o las vueltas dichas. In J. Lacan. *Escansión* (pp. 15-69). Buenos Aires: Paidós.
- Soler, C. (1988). *Finales de análisis*. Buenos Aires: Manantial.
- Soler, C. (2002). *La destitución subjetiva*. Seminário apresentado no Foro Psicoanalítico de Buenos Aires, Argentina. Inédito.

Recebido: 17/04/2018

Aprovado: 26/06/2018